Tais: Olá, começa agora mais um Just Talk, o Podcast do TJES. Em todo o país, os números de violência contra a mulher aumentaram durante a pandemia de Covid-19. Aqui no ES, as vítimas podem contar com um programa de atendimento de urgência oferecido por meio de uma parceria entre a Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica, a ArcelorMittal e um Grupo de Psicólogas Voluntárias. Eu sou Tais Valle e pra explicar o assunto eu convido a psicóloga, psicanalista e professora da UFES, Claudia Murta, que está coordenando os trabalhos.

1- Tais: Olá dra! Seja bem vinda ao nosso podcast. Explica pra gente como funciona esse programa na prática. Ele vale tanto para aquela mulher que já denunciou o agressor como para aquela que ainda está criando coragem?

Olá Tais, o programa é aberto para demanda espontânea, qualquer mulher que se sinta em risco de violência doméstica e familiar pode ter acesso ao programa. É um atendimento via telefone, ou whatsapp, em que a parceria com a ArcelorMittal fornece os telefones e as linhas.

Qualquer mulher da região da Grande Vitória ou do Espírito Santo pode entrar nesse programa, então a demanda é espontânea, mas em algum momento no ano passado, por iniciativa da delegada Andrea Magalhães, que começou a indicar as mulheres que faziam denúncia no momento em que ela estava de plantão na delegacia, ao atendimento. Posteriormente a coordenadoria fez uma parceria com delegados e delegadas das DEAMS, que indicaram as mulheres que já tinham feito denúncia e se interessavam em um atendimento voluntário com as psicólogas.

Então é um atendimento que vale tanto para quem ainda não denunciou como para quem já denunciou.

2 - To aqui com os dados dos 6 primeiros meses de programa. Ao todo foram acolhidas 330 mulheres e mais da metade optou por continuar com os atendimentos. Elas relataram sofrer os 5 diferentes tipos de violência previstos na Lei Maria da Penha, ou seja, patrimonial, sexual, moral, física e psicológica. Normalmente elas acontecem simultaneamente? Quais foram os maiores índices?

Sim. As 5 violências previstas na lei maria acontecem simultaneamente durante o processo de violência doméstica, sabemos disso porque nós perguntamos, mas antes de perguntar, nós apresentamos, e conseguimos explicar para cada uma delas o que são aquelas violências.

O TJES distribui um instrumento que eu considero fundamental nesse processo de combate à violência doméstica e familiar, que se chama Violentômetro, instrumento muito simples e interessante, e a gente apresenta o violentômetro

para elas, onde tem as violências, onde elas acontecem e vamos explicando e a partir desse momento que os tipos de violências foram apresentadas, elas vão entendendo e dizendo quais violências sofriam.

No nosso programa durante esses 6 primeiros meses de atendimento intenso, as violências que apareciam em evidência, mesmo que todas aparecessem simultaneamente uma hora ou outra, foram em sua maioria a violência psicológica, seguida pela violência física.

Muitas pessoas confundem e pensam que violência é apenas física, e não, dessas 330 mulheres atendidas, a violência psicológica foi a que apareceu com maior evidência.

O que percebemos é que as mulheres vão suportando a violência psicológica, por nem reconhecer, e só denunciam mesmo quando a violência física acaba se tornando insuportável.

3- Por que que a violência psicológica é a mais difícil de ser reconhecida? Como que uma mulher pode perceber os sinais e entender que está passando por isso?

A violência psicológica é a mais difícil de ser percebida em decorrência da naturalização de alguns comportamentos violentos. Naturalizar uma violência contra mulher, é dizer que deve ser assim.

Por exemplo, ciumar, como um verbo, e você sentir ciúmes, manifestar ciúmes, essa manifestação é uma violência e muita gente interpreta que no momento que se sente ciúme está amando. Isso não é amor, isso é violência.

Um outro fato é culpabilizar a mulher por situações que acontecem com ela, isso é muito é muito comum. A gente tem que lembrar que a lei Maria da Penha é de 2006, então algumas violências contra a mulher casada eram consideradas naturais, como parte do andamento da vida comum, o que a gente chama de patriarcado.

Por conta do patriarcado e das violências contra mulher, a violência psicológica não é percebida como violência, então em muitos dos atendimentos precisamos mostrar às mulheres que elas estão sofrendo violência.

Outra situação é quando o marido perde o emprego e ele põe culpa nela, porque ela fez isso e aquilo dentro de casa e por isso ele perdeu o emprego. O que tem uma coisa a ver com a outra? Se ele perdeu o emprego, acontece, faz parte da vida. No momento que ele culpabiliza a mulher por algo que ele sofreu ou fez, isso é violência psicológica.

4- Quais as maiores consequências da violência doméstica na saúde e na vida da mulher?

Eu posso comentar alguns dados que recolhemos durante esse período que trabalhamos em conjunto. Percebemos que as mulheres sentiam, em sua maioria, muito medo, e em segundo lugar muita tristeza, e terceiro lugar raiva. Só depois elas sentiam angústia, culpa e vergonha.

Falei de 6 sentimentos difíceis de sentir, quem quer viver com medo? triste? irado? viver com angústia o tempo inteiro? conviver com culpa? Ninguém quer isso. E mais, ninguém merece passar a vida com esse tipo de sentimento.

5- E como é que um psicólogo ajuda essas mulheres a resgatarem a autoestima, a quebrarem o ciclo da violência e encontrar um caminho diferente?

O ciclo da violência parte de uma fase de enamoramento, outra fase em que a violência vai se explicitando, outra fase em que a violência explode e depois outras fase de enamoramento. Essa outra fase de enamoramento ocorre porque tem um pedido de desculpas e fala que ama e que não queria ter feito aquilo, então acontece esse retorno quando a mulher já saiu de perto, e as vezes eles pedem para voltar, e depois do enamoramento, em qualquer situação, a violência vai começar a acontecer.

Um ciclo de violência, e é aí que temos que intervir.

O violentometro mostra 3 fases de violência, violência leve, violência moderada, até a morte, que é o feminicídio. Esse instrumento ajuda muito, pois a mulher consegue reconhecer a violência que está vivendo. E trabalhar com o violentometro não necessariamente precisa ser um psicólogo, qualquer pessoa engajada pode fazer e trabalhar com isso.

O trabalho do psicólogo no ciclo de violência é escutar o sofrimento e ir pontuando, vai ponderando, e isso depende muito da técnica que o profissional vai usar, dependendo da linha que ele segue.

6- Em relação à raça, 83% das mulheres disseram ser pardas ou pretas, 29 brancas. O que esses dados demonstram?

A violência contra mulher no contexto brasileiro tem cor privilegiada, isso demonstra que violência doméstica e familiar escolhe as pretas e pardas, então o racismo está incluído no contexto da violência doméstica e familiar, e isso é muito sério e precisa ser investigado e precisa de políticas públicas para que possamos combater essa violência, que tem raça.

7- A média das idades das mulheres atendidas foi de aproximadamente 37 anos. A mais nova estava com 14 anos e a mais velha com 77 anos. Que isso

significa?

Se a gente recebe de 14 a 70 e poucos anos, isso demonstra que a mulher sofre violência durante toda sua vida.

8– Como você avalia os resultados até o momento com esse trabalho? A gente oferece espaço de escuta...

Quando a gente pensa em violência contra mulher, pensar em transformação é um objetivo muito fora do contexto. Quem sofre a violência é ela, e pq ela precisa se transformar? O que eu vejo sentido é que a gente oferece espaço de escuta qualificada e de acolhimento.

O acolhimento da dor é muito importante, saber escutar, porque às vezes as pessoas em volta não sabem, ou não querem, ou não conseguem escutar, e as psicólogas são formadas para isso, e mesmo os psicólogos, não é qualquer profissional que suporta isso, não é fácil.

Então não penso em transformação, quem tem que se transformar é quem exerceu a violência. A mulher precisa ter paz

9 – É verdade. Dra, De acordo com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, em 2020 foram registradas mais de 105 mil denúncias de violência contra a mulher nas plataformas do Ligue 180 e do Disque 100. Mas a gente sabe que a realidade é muito pior porque muitas delas ainda não denunciaram. Queria pedir pra você encerrar com uma mensagem de coragem pra essas mulheres.

Essa questão me emociona, tive que respirar um pouco aqui para poder responder.

Eu digo às mulheres que nós estamos aqui, seja a equipe da segurança, da saúde, estamos aqui, nos preparamos, nas delegacias elas tem os acessos, os delegados e todas as equipes foram preparadas para acolher o sofrimento daquela mulher.

Na equipe de saúde, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, somos treinados para acolher e receber no Creas, nos Cras, nos equipamentos de serviço do município, somos aparelhados para recebê-las.

Elas não estão sozinhas. Nós fazemos tudo por elas, dedicamos nosso trabalho e boa parte da nossa vida a isso. Procure os serviços de saúde, os locais que você pode ser atendido, escutado e acolhido para que você tenha melhores condições de passar por isso, porque as consequências, como já discutimos, duram muitos e muitos anos. O apoio psicológico está aí para diminuir os danos.

Você não está só.

Muito Obrigada Dra Claudia! O trabalho de vocês é incrível e, com certeza, faz muita diferença na vida dessas mulheres.

E só pra reforçar, os números disponíveis para atendimento psicológico às vítimas são:

9 92631179 - todos os dias das 2h da tarde às 8 da noite.

9 9236 3792 toda quarta e quinta das 4h da tarde às 9h da noite //

9 9234 2024 – toda segunda, quarta e sexta das 2h às 5h da tarde.

Todos com o ddd 27.

Até o próximo episódio. Tchau Tchau.